

# CHINA E EUA - DISCÍPULOS ATIVOS DE SUN TZU?

Tenente-Coronel Hudson Catanzaro Guimarães

O Coronel de Comunicações Guimarães é o atual Chefe da Divisão de Operações do Centro de Defesa Cibernética (CDCiber). É Bacharel em Ciências Militares pela Academia Militar das Agulhas Negras e Mestre em Operações Militares pela Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais e em Ciências Militares pela Escola de Comando e Estado-Maior. É especialista em Guerra Eletrônica, tendo realizado cursos nessa área no Brasil e na Alemanha. Em 2010/2011 frequentou o curso de Comando e Estado-Maior do Exército Chinês, em Nanjing, na República Popular da China.



*Entre todos os livros sobre a arte da guerra, nenhum excede o de Sun Tzu. Entre todos os capítulos de "A Arte da Guerra" de Sun Tzu, nenhum excede "Fraqueza e Força". Se você conhece os pontos fortes e os pontos fracos do inimigo, você jamais falhará ao empregar suas tropas<sup>1</sup>.*

Estados Unidos da América (EUA) e China vêm protagonizando uma disputa pela proeminência mundial em diversas áreas. Quer seja em esportes olímpicos, na corrida aeroespacial ou nos domínios cibernéticos, o embate é sempre claro e acirrado. Uma das nações, com o objetivo de manter uma hegemonia mundial de quase um século; a outra, com o intuito de obter essa mesma hegemonia.

Malgrado o aspecto até agora não belicoso da disputa, em nenhuma área o confronto é tão perigoso e incerto para o restante do mundo como o que ocorre nos setores de Defesa e Relações Internacionais. Ao longo das últimas décadas, ambos contendores deram mostras de seu planejamento estratégico e de seu potencial de mobilização de forças, tanto internas a ambos países, quanto externas, nos diversos fóruns internacionais.

Embora antagônicas em quase todos os setores, do domínio econômico à prevalência cultural, de aspectos ambientais à caracterização



de direitos humanos, as duas potências, segundo a perspectiva histórica chinesa, parecem revelar algo em comum em sua disputa: o planejamento geopolítico de ambas as nações tem materializado a aplicação de ensinamentos do mestre Sun Tzu, contidos em sua milenar obra "A Arte da Guerra".

É justamente sobre essa perspectiva histórica chinesa, apesar de absolutamente não corroborada pela realidade do ensino de estratégia militar nos EUA, que se assenta a análise do presente artigo<sup>2</sup>.

### MAPEANDO A HISTÓRIA

Janeiro de 1949. Após três grandes campanhas militares, iniciadas em setembro do ano anterior, contra tropas do Kuomintang apoiadas pelos EUA, as forças comunistas lideradas por Mao Tse Tung lograram aniquilar 144 Divisões de Exército inimigas, perfazendo um total de 1,54 milhões de soldados colocados fora de combate. Aquele momento marcava o início da derrocada das forças governistas chinesas, que culminaria com sua retirada final para Taiwan no mesmo ano.

Em uma dessas três jornadas, a campanha na região de Huaihai, hoje Província de Jiangsu, no Leste da China, o exército de Mao, contando com o efetivo de 600.000 homens, derrotou as tropas do Kuomintang, cujo efetivo alcançava 800.000 militares apoiados por extenso equipamento e armamento estadunidense. Tal feito foi considerado um milagre militar por Stalin, àquela época líder da Revolução Comunista na então União Soviética. O segredo da vitória maoista estava em envolver repentinamente as tropas inimigas por partes, atacando e exfiltrando por diversas direções, em uma forma de manobra estratégica hoje genericamente conhecida como Linhas Exteriores. Contudo tal ardid já havia sido codificado por Sun alguns milênios atrás:

*A guerra é baseada no logro. Manobre quando é vantajoso e crie oportunidades dissipando e concentrando suas forças. Seja rápido como o vento. Quando se esconder, seja insondável como aquilo que está por detrás das nuvens. Quando se mover, caia sobre o inimigo como um trovão<sup>3</sup>.*

Após o surgimento da Nova China<sup>4</sup>, o apoio norte-americano ao Kuomintang durante a Guerra de Libertação passou a ser considerado pelo vitorioso Partido Comunista como o primeiro grande foco de ressentimento entre os dois países.



Foto: Autor.

Formação rochosa esculpida em arte tradicional chinesa, no interior da Escola de Comando e Estado-Maior.

A vitória na Guerra de Libertação é considerada pelos historiadores chineses como a vitória da estratégia contra o puro e simples emprego de tecnologia, em uma sarcástica alusão ao fracassado apoio prestado pelos EUA.

*Ataque o inimigo onde ele está despreparado e apareça onde não se é esperado. Essas são as chaves da vitória para um estrategista.<sup>5</sup>*

Sob a ótica chinesa, os ensinamentos de Sun Tzu também eram muito bem conhecidos por seus adversários. Vendo malgrado seu apoio econômico e militar ao Kuomintang, os EUA passaram então a proteger os agora dissidentes chineses em Taiwan, por meio de um bloqueio aeronaval, evitando que a China invadisse a ilha em 1950. Desde então, a fim de tentar equilibrar o balanço de poder na região, os EUA têm fortalecido suas relações comerciais com Taiwan, incluindo a venda de material bélico. Em 2010, a administração Obama celebrou a assinatura de contratos<sup>6</sup> no valor de 6 bilhões de dólares aproximadamente, envolvendo sistemas antimísseis Patriot, helicópteros, navios antiminas e equipamentos de comunicações. Desse modo, os EUA logram manter vivos ideais democráticos em parcela representativa da população chinesa esclarecida, localizada em Taiwan, ao mesmo tempo mantendo o país e o povo chinês divididos, impedindo que a nação se unifique e se fortaleça.

*"Se um país está unido, fomite separações"<sup>7</sup>.* Manter a ilha de Taiwan separada politicamente do continente garante também, é claro, o local

para o estabelecimento de uma possível base de operações, em caso de conflito envolvendo os EUA ou seus aliados naquela região. Por serem considerados pelos chineses os principais responsáveis pela não solução da questão, os EUA indicam que entenderam e aplicaram bem o ensinamento de Sun acima citado. Os chineses continentais, por seu turno, tratam a questão com muita ponderação e sabedoria, em razão de seu ainda inferior poder militar.

Também por meio da estratégia, os EUA trabalharam em sua vitória contra a extinta União Soviética, no período que ficou conhecido como Guerra Fria. A vitória foi obtida sem combates diretos. Segundo análise exposta por um instrutor do Exército chinês, durante o Curso de Estado-Maior em Nanjing (Nanquim), os líderes estadunidenses, ao lançarem seu programa intitulado “Iniciativa de Defesa Estratégica”, vulgarmente conhecido como “Guerra nas Estrelas”, induziram a União Soviética a também incrementar seus gastos no setor aeroespacial, acelerando sua derrocada econômica. O programa, lançado oficialmente em 1983, visava a evitar um ataque nuclear ao território norte-americano, por meio de um escudo de defesa antimísseis balísticos, composto por radares, satélites e mísseis de interceptação.

Paralelamente, os EUA financiavam e armavam as insurgentes tribos afegãs que lutavam contra o governo marxista-leninista instalado naquele país, induzindo a então URSS a invadir o território no período de 1979-89, a fim de mantê-lo em sua esfera de influência. Essa violenta e igualmente custosa intervenção militar soviética no Afeganistão também concorreu para o colapso econômico e, posteriormente, político de Moscou.

Em um terceiro ato da Guerra Fria entre URSS e EUA, em 1972, o presidente Nixon visitou a China e, a despeito do ainda latente conflito envolvendo a soberania de Taiwan, iniciou os contatos políticos que levariam ao restabelecimento das relações

diplomáticas com o país de Mao, em 1979. Essa aproximação com a China visava principalmente a isolar e enfraquecer politicamente a URSS, privando-a de um aliado socialista importante.

A vitória dos EUA na Guerra Fria é considerada nos bancos escolares chineses como um dos maiores exemplos na história militar contemporânea de aplicação do axioma “vitória completa”, no escopo das estratégias de Sun Tzu.

*Obter cem vitórias em cem batalhas não é o apogeu da arte. Subjugar o inimigo sem lutar é a suprema excelência (...) a vitória completa*<sup>8</sup>.

A cátedra de História Militar na escola em Nanjing ensina que, após os eventos de 11 de setembro, os EUA entenderam que suas doutrinas

***“As operações levadas a efeito no Afeganistão privilegiaram o combate em pequenas frações, o emprego extensivo de tropas especiais e intenso trabalho de inteligência.”***

militares pragmáticas não eram aplicáveis ao combate contra o terrorismo e novamente se aproximaram dos ensinamentos de Sun. As operações levadas a efeito no Afeganistão a partir de 2001, sob nova roupagem, privilegiaram o combate em pequenas frações, o emprego extensivo de tropas especiais e intenso

trabalho de Inteligência. O resultado desse processo de adaptação ao adversário foi conhecido dez anos depois, quando o líder terrorista e mentor dos ataques de 11 de setembro, Bin Laden, foi morto no Paquistão.

*Assim como a água estabelece seu curso de acordo com o terreno, um exército constrói sua vitória conforme a situação do inimigo. E assim como a água não tem uma forma constante, as táticas em combate também não devem ser constantes. Assim, aquele apto a obter a vitória modificando suas táticas conforme o inimigo se apresenta, demonstra ser possuidor de qualidades divinas*<sup>9</sup>.

Por oportuno, foi observado em Nanjing que o método de ataque empregado em 11 de setembro muito se aproximou das doutrinas do mestre chinês. A Al Qaeda atacou o que os norte-americanos sempre mais prezaram: a sensação de segurança dentro de suas fronteiras. Atacaram seu território e o seu orgulho. Curioso observar que

a Al Qaeda é considerada por muitos acadêmicos chineses como originária das mesmas tribos afgãs que foram apoiadas pelos EUA quando do conflito soviético no Afeganistão. Assim, os norte-americanos estariam combatendo agora forças por eles mesmos equipadas e instruídas nos aspectos estratégicos ora analisados.

Como os EUA nunca haviam sido antes atacados, nessas proporções, em seu território continental, a Al Qaeda atingiu os norte-americanos onde o ataque era menos esperado. Assim, a ideia transmitida pelos terroristas aos EUA, corroborada pela matriz doutrinária de Sun Tzu, é a de que, a partir de então, não estarão seguros em local algum do mundo, porque até a segurança interna estadunidense foi falha.

*O inimigo não pode saber onde será atacado. Se ele não souber onde será atacado, terá que se defender em todas as direções. Então, aqueles que terei de combater, no local que eu escolher para atacar, serão poucos. (...) Quando o inimigo envia tropas a todas as direções, será fraco em todas elas<sup>10</sup>.*

Entretanto, em uma perspicaz análise escolar chinesa, nem todos os aspectos da estratégia de Sun Tzu parecem ter sido assimilados pelos EUA. Em algumas campanhas militares, como no Vietnã (1964-1975), e mais recentemente na Invasão do Afeganistão (2001-...) e Guerra do Iraque (2003-...), os militares norte-americanos acabaram por se tornar alvos mais fáceis após os combates principais, pois passaram a não mais conseguir identificar claramente o inimigo, que esperava o melhor momento para atacar. Além disso, o fator moral passou a minar sua capacidade combativa, em razão da lentidão em se obter os resultados político-militares esperados. Como nos ensina Sun:

*No início de uma campanha militar, o espírito dos soldados está afiado; após um certo período de tempo, seu moral começa a decair; nos estágios finais de uma campanha, seus pensamentos estão voltados para suas famílias. Dessa forma, aqueles experimentados na guerra evitam o inimigo com o espírito afiado e atacam-no quando está lento e seus soldados saudosos de seus lares<sup>11</sup>.*

Construção típica no interior da Escola de Comando e Estado-Maior em Nanjing. A Escola busca preservar as tradições culturais do país.

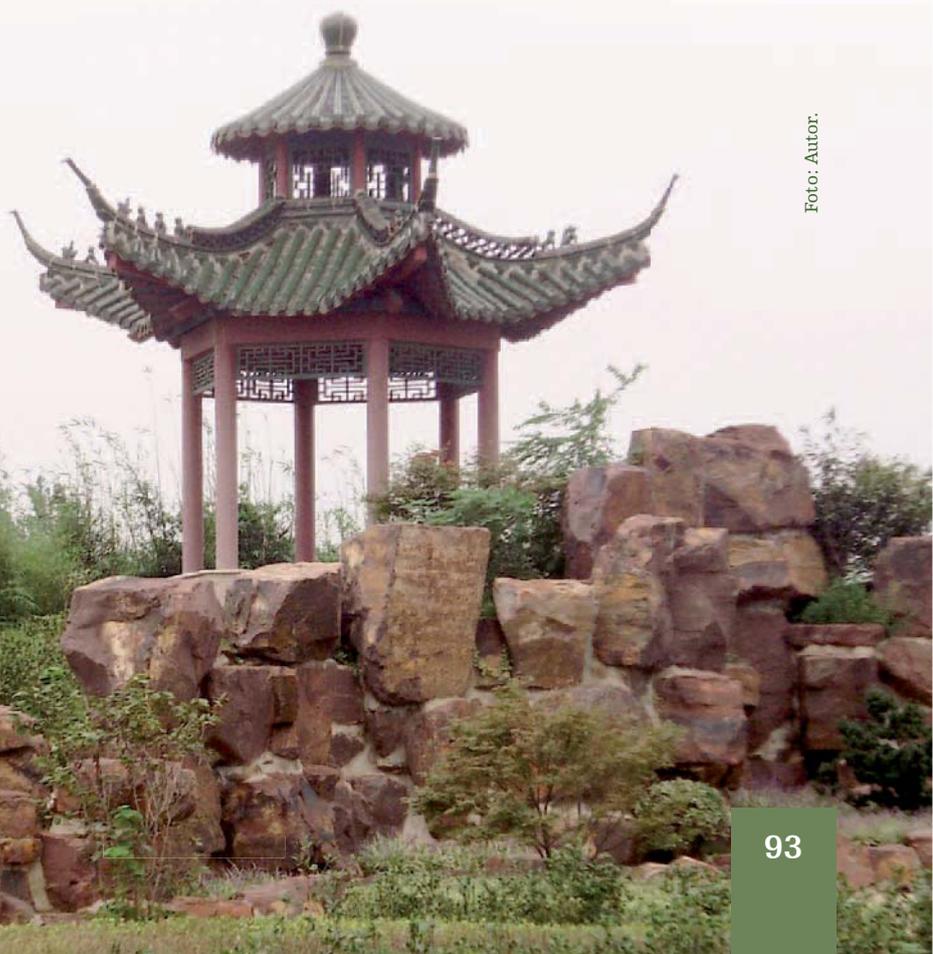


Foto: Autor.



Placa com ideogramas descrevendo o perfil do concluinte do Curso de Comando e Estado-Maior do Exército Chinês.

Mesmo ajustando seu *modus operandi* e sendo mais fortes militarmente, os EUA não conseguiram encerrar rapidamente as ações no Afeganistão e no Iraque; não lograram atingir seus objetivos políticos ou militares em curto prazo. Conforme o ensinamento de Sun, a guerra prolongada não é sábia:

*Enquanto já se escutou em pressa estúpida para se iniciar uma guerra, ainda não se viu uma sábia operação militar que tenha sido prolongada demais. Não existem registros de um país que se tenha beneficiado de uma guerra prolongada*<sup>12</sup>.

#### XADREZ GEOPOLÍTICO NA ONU

Os chineses, por sua vez, têm exercido com diligência seu papel antagônico nas Nações Unidas e têm criticado severamente a invasão do Iraque e do Afeganistão pelos EUA. E, mais recentemente, a incapacidade da OTAN em encontrar um desfecho mais rápido para a crise

na Líbia. O objetivo é explorar um dos pontos fracos dos EUA, que é a resistência natural de grande parte da comunidade internacional, particularmente árabe/muçulmana, às suas campanhas militares, particularmente no Iraque, onde as tão propaladas armas de destruição em massa, motivação oficial do conflito, nunca foram encontradas. O objetivo é buscar um isolamento político dos norte-americanos. Logicamente, esses ataques diplomáticos levam o verniz das doutrinas de Sun:

*O que é de suprema importância em uma guerra é atacar a estratégia do inimigo. Em seguida, o mais importante é romper suas alianças por meio da diplomacia. Por fim, atacar suas forças militares*<sup>13</sup>.

O antagonismo chinês às operações militares ocidentais, como as já citadas, tem raízes históricas. A começar pelo Tratado de Nanjing, assinado com a Inglaterra em 1842, que decretou a derrota na

1ª Guerra do Ópio. A China foi forçada a assinar mais de 100 tratados desiguais<sup>14</sup>, com diferentes países (a maioria ocidentais), ao longo de um século de derrotas e frustrações. Os sofrimentos e humilhações chinesas somente tiveram fim com a ascensão de Mao TseTung ao poder. No dia de sua vitória final sobre as forças do Kuomintang, declarou ele solenemente ao mundo, em 1 de outubro de 1949: “o povo chinês se ergue a partir de hoje”.

Desde então, a China tem escrito seu relacionamento político, diplomático e militar com o restante do mundo em bases mais equilibradas, haja vista o resultado territorialmente igual da Guerra da Coreia, travada em 1950 contra as tropas norte-americanas e sul-coreanas. A China, em um futuro muito próximo, mais forte econômica e militarmente, não aceitará mais negociações desiguais ou injustas, principalmente com rivais históricos, como os EUA e o Japão, esse último país responsável por duas invasões territoriais e uma ocupação que durou 8 anos, iniciada em 1937 e somente encerrada com a rendição incondicional japonesa, após as bombas atômicas lançadas em Hiroshima e Nagasaki. Enquanto não se sente forte o bastante, nos parece que a China palmilha o terreno pavimentado por Sun:

*Evite o inimigo enquanto ele estiver forte. (...) Defenda-se enquanto não puder derrotar o inimigo. Um oponente deve se defender quando seu poder é insuficiente; deve atacar somente quando seu poder é abundante. (...) Assim, um exército vitorioso somente busca o combate após seus planos indicarem que a vitória é possível; enquanto um exército destinado à derrota luta na esperança de vencer sem planejamento<sup>15</sup>.*

Os EUA, por sua vez, no mesmo diapasão do isolamento político-diplomático de um oponente, preconizado por Sun Tzu, ensinaram ao mundo uma lição importante. Por ocasião da invasão do Iraque, em 2003, as tropas estadunidenses rapidamente ocuparam dois aeroportos no Oeste do Iraque, a fim de evitar que Saddam Hussein atacasse Israel com mísseis lançados a partir

daquela região. Uma vez atacado, Israel poderia revidar, levando mais países árabes a tomar parte no conflito, em razão de antagonismos históricos com TelAviv. Foi um grande exemplo histórico de como uma simples operação militar pode concorrer sobremaneira para que fosse atingido o relevante objetivo de isolamento político-estratégico do adversário.

De igual modo, os EUA também tentam enfraquecer as posições chinesas na ONU. Há dois assuntos prediletos. O primeiro, e mais lucrativo politicamente, é a notória crítica ao desrespeito aos direitos humanos na China. Dissidentes chineses têm recepção garantida em Washington e o espaço que desejarem na mídia ocidental. No aspecto direitos humanos, ganha realce a insuficiência de direitos trabalhistas, principal responsável pelo baixo custo da produção industrial chinesa. Se trabalhadores chineses começarem a perceber os mesmos direitos outorgados pela legislação trabalhista ocidental, o novo preço dos manufaturados chineses certamente trará reflexos negativos à balança comercial do país.

O segundo e menos palatável foco de críticas é a agressão que o acelerado crescimento chinês tem imposto ao meio ambiente. Menos palatável porque os próprios norte-americanos não assinaram o Protocolo de Kioto e, por isso, não possuem o respaldo moral necessário à crítica. Entretanto, têm sido sugeridos à China investimentos mais robustos na área de proteção ambiental, o que reduziria seu atual ritmo de crescimento econômico. Esses ataques diplomáticos juntos também influenciam negativamente o reconhecimento internacional da China como economia de mercado, o que impulsionaria ainda mais o já acelerado crescimento econômico chinês.

#### **ENFOQUES DIFERENTES PARA A INTELIGÊNCIA**

EUA e China também travam uma interessante disputa na área de Inteligência. O processo chinês de tomada de decisão privilegia

### ***“O processo chinês de tomada de decisão privilegia o cientificismo, influenciado por Sun Tzu...”***

o cientificismo, influenciado por Sun Tzu, que prega não haver incerteza no campo de batalha para forças bem preparadas e bem instruídas:

*Conheça o inimigo e conheça a si mesmo; em 100 batalhas nunca será derrotado. Quando você for ignorante em relação ao inimigo, mas conhecer a si próprio, suas chances de vencer ou ser derrotado serão iguais. Se ignorante em relação ao inimigo e a si próprio, certamente será derrotado em todas as batalhas*<sup>16</sup>.

A palavra “conhecer” tem 79 ocorrências no livro “A Arte da Guerra”. Apesar de ainda não dominarem no “estado da arte” a infraestrutura desenvolvida por estadunidenses e europeus para a aquisição de informações, como satélites, equipamentos de guerra eletrônica e guerra cibernética, espionagem industrial, etc, os chineses, profundamente influenciados pela filosofia de Sun, acreditam piamente ser possível saber tudo e saber antes:

*(...) a razão pela qual um soberano brilhante e um general sábio conquistam um adversário enquanto ele manobra, e por isso suas realizações superam os feitos das pessoas comuns, é seu conhecimento prévio da situação do inimigo*<sup>17</sup>.

Tal linha de pensamento está também relacionada a povos não cristãos, e impregnados da ideologia comunista tradicional, adeptos do materialismo dialético, para quem a existência é formada apenas por aspectos visíveis, ou seja, só é real aquilo que pode ser tocado e sentido, negando a existência sobrenatural divina. Assim, menor ênfase é aplicada à intuição e à flexibilidade de raciocínio na tomada de decisão, embora não sejam qualidades ignoradas.

Essa reflexão também explica o menor valor relativo dado pelo atual sistema de ensino chinês às ideias construtivistas. Para os acadêmicos militares chineses, ao militar-aluno devem ser apresentadas “todas” as situações passíveis de ocorrência em cada universo apresentado, resistindo à formação do discente baseada na construção de competências e habilidades, que viabilizarão ao aluno oferecer respostas adequadas a situações imprevistas.

Os chineses enfatizam, assim, sua discordância em relação a Clausewitz, um dos maiores pensadores militares ocidentais, para quem “a guerra é repleta de incertezas: três quartos dos aspectos que devem ser considerados



Estátua de Buda Dafangbian esculpida na rocha em Dazu.

no planejamento para uma guerra estão, em diferentes graus, mais ou menos encobertos por nuvens de grande incerteza”<sup>18</sup>. Aqui reside uma antítese interessante. Os países ocidentais mais desenvolvidos, capitaneados pelos EUA, embora detenham sistemas de comando, controle, comunicações, computadores, inteligência, vigilância e reconhecimento no estado da arte (do inglês C4ISR), entendem, assim como Clausewitz, que haverá sempre alguma incerteza no campo de batalha, uma vez que a onisciência, para povos cristãos que são, será sempre apanágio divino.

Segundo Sun, “a guerra é um jogo de dissimulação”. Conforme já citado, evitar o inimigo no momento em que ele está forte é uma grande virtude. Poder militar é uma questão de momento, de desgaste. Não se é poderoso para sempre. Assim, deve-se procurar ser forte na hora certa, aguardar o momento ideal, atacar e surpreender o inimigo. Napoleão e Hitler quando invadiram a Rússia, em épocas distintas, eram mais fortes que seus contendores eslavos. Contudo, falharam no momento decisivo. Não conseguiram atrair o exército inimigo para um combate que lhes fosse decisivo e favorável. Foram iludidos, atraídos, engodados, enfraquecidos e derrotados. O mais fraco atacou na hora certa e obteve êxito. Há tempos os EUA sabidamente possuem as Forças Armadas mais poderosas do globo. Quanto à China...qual é a real capacidade militar da China?

*Todo combate é baseado no logro. Assim, quando capaz de atacar, finja incapacidade; quando estiver manobrando suas tropas, finja inatividade. Quando perto do inimigo, faça parecer que suas tropas estão bem longe. (...) É mérito de um general ser sereno e inescrutável. Ele muda seus métodos e altera seus planos (...) de modo a tornar impossível para outros antecipar seus propósitos*<sup>19</sup>.

Por fim, um dos fatores que concorrem para a certeza da vitória em uma guerra é o governo convencer o povo de que a causa é justa. Dessa forma, as necessárias sinergias internas serão criadas, multiplicando o poder de combate da nação. É um tipo de Operação Psicológica voltada para o público interno do próprio país. A China busca esse objetivo de forma permanente ao explicar ao povo as razões da interferência dos EUA na questão de Taiwan, qualificada

tempestivamente como injusta, gerando um sentimento antiamericano no povo chinês, importante fator em caso de conflito. Por não terem trabalhado adequadamente o psicológico da população, os EUA foram obrigados a capitular na Guerra do Vietnã. Apreendida a lição, grande parte do povo norte-americano hoje apoia as operações de combate ao terrorismo, conduzidas internacionalmente pelas Forças Armadas norte-americanas.

## CONCLUSÃO

Segundo a visão chinesa, largamente apregoada durante o Curso de Comando e Estado-Maior do Exército chinês, em Nanjing, os ocidentais acreditam que a vitória na guerra será decretada pelo poderio econômico e militar de um país. Entendem ainda os orientais que a China venceu inimigos bem mais fortes no passado (Japão e Kuomintang), quando as condições socioeconômicas da nação eram bem mais difíceis. Agora que o país se fortalece a cada dia, não há razão para temer nenhum conflito.

Durante o curso, os militares chineses diziam com orgulho que, atualmente, a diferença econômica e tecnológica da China em relação aos EUA é a mesma da existente à época da Guerra da Coreia e naquela oportunidade o país não foi derrotado. O princípio da guerra justa proveu as forças necessárias ao equilíbrio das ações. A Guerra da Coreia foi, até agora, a única oportunidade em que tropas chinesas e americanas mediram forças no campo de batalha e o resultado, segundo os chineses, foi um empate técnico.

Provavelmente, as milenares ideias do mestre chinês do século V A.C. seguirão alimentando, ainda que marginalmente, as estratégias norte-americanas e, principalmente, as chinesas, neste século. Um futuro não muito distante dirá qual nação conseguiu aplicar com mais engenho e diligência os ensinamentos de Sun Tzu, mantendo ou obtendo a hegemonia mundial.

A importância de “A Arte da Guerra” permanece inquestionável. Liddell Hart, à época da Guerra Fria, quando a estratégia da dissuasão nuclear estava sendo implantada, já havia clamado por uma releitura da obra, particularmente os trechos que reverenciam a sabedoria que governantes devem buscar antes

de lançar a nação em uma guerra:

*A arte de conduzir uma Guerra é de vital importância para um Estado; uma questão de vida ou morte; uma estrada tanto para a sobrevivência quanto para a ruína. Dessa forma, é imperativo que seja estudada a fundo*<sup>20</sup>.

Uma goteira acaba atingindo seu objetivo de moldar a rocha, sem violência. Os chineses, lentamente, seguem impondo a um mundo atônito suas vantagens comparativas, como a imensa disponibilidade de recursos humanos em crescente qualificação, aliada à férrea disciplina intelectual

e eficiente planejamento de longo prazo. Uma China cada vez mais poderosa certamente irá externar de formas cada vez mais ousadas seus ressentimentos acumulados em relação ao EUA e Japão.

De igual modo, com o tempo, conforme a história não nos deixe enganar, o aumento do poderio militar chinês, na construção de sua defesa nacional, poderá despertar reações imprevisíveis de outros centros de poder mundial, não tão de acordo com os prudentes ensinamentos de Sun.

---

#### NOTAS

1. *Diálogos do Imperador Li da Dinastia Tang. Apud Nanjing Army Command College (NACC), Chinese People's Liberation Army (CPLA), 2011. "An Introduction to the Art of War by Sun Tzu". Palestra ministrada no NACC, Nanjing, 2011, slide 132.*
2. *Diversas inferências existentes no presente artigo não encontram respaldo em bibliografia ocidental. São fruto de palestras, cuja reprodução gráfica não foi permitida, e comentários de instrutores chineses durante o Curso de Comando e Estado-Maior na República Popular da China, realizado pelo autor na cidade de Nanjing, entre 2010/2011.*
3. *NACC, CPLA, "An Introduction to the Art of War by Sun Tzu". Nanjing: NACC, 2008, p. 47.*
4. *O que a história ocidental denomina Revolução Comunista de 1949, os chineses chamam de Guerra de Libertação da China. Os comunistas, vitoriosos contra os governistas do Kuomintang, proclamaram ao mundo a fundação da "Nova China".*
5. *NACC, CPLA, "An Introduction to the Art of War by Sun Tzu". Nanjing: NACC, 2008, p. 17.*
6. *Disponível em <http://edition.cnn.com/2010/WORLD/asiapcf/01/29/taiwan.arms/index.html>, acessado em 18 Mar de 2013.*
7. *NACC, CPLA, "An Introduction to the Art of War by Sun Tzu". Nanjing: NACC, 2008, p. 17.*
8. *Ibid., p. 24.*
9. *Ibid., p. 41 e 42.*
10. *Ibid., p. 40.*
11. *Ibid., p. 48.*
12. *Ibid., p. 20.*
13. *Ibid., p. 24. Grifo do autor.*
14. *Comentário realizado em palestra ministrada no NACC, Nanjing, 2011.*
15. *Ibid., p. 17, 30 e 31.*
16. *Ibid., p. 26-27.*
17. *Ibid., p. 77.*
18. *Clausewitz, Livro 1, capítulo III.*
19. *NACC, CPLA, "An Introduction to the Art of War by Sun Tzu". Nanjing: NACC, 2008, p. 17 e 69.*
20. *Ibid., p. 15.*